



EDITORIAL

MARIA LAURA BETTENCOURT PIRES
UNIVERSIDADE CATÓLICA

"Para que haja desenvolvimento humano e sustentável, e diminuição dos níveis de pobreza, é necessário investir na educação, na formação profissional e na saúde, da parte feminina da população."

Ana Vicente, "Direitos das Mulheres: Tendências Nacionais e Internacionais"

O tema central deste Editorial foi inspirado pela celebração do vigésimo aniversário da criação em Portugal do 1º Mestrado de Estudos sobre as Mulheres, em 1995, na Universidade Aberta e pela evocação da figura ímpar de Ana Vicente – a quem dedicamos também um artigo neste número - e pela sua acção e intervenção tanto na vida universitária como social e religiosa no nosso país e, conseqüentemente, muitas das reflexões aqui apresentadas foram debatidas em conversas que ambas tivemos ao longo de trinta anos.

Ao analisar o impacto das teorias concebidas na área dos Estudos sobre as Mulheres e da sua filosofia para o desenvolvimento do mundo académico e social, verifica-se que é inegável que elas contribuíram para uma mudança de paradigma intelectual, isto é, para a alteração dos modelos seguidos para organizar o conhecimento no mundo da investigação universitária assim como na erudição em geral e no saber relativo aos próprios Estudos sobre as Mulheres. O conhecimento implícito assim adquirido pretende ainda estabelecer um terreno comum entre as diferentes disciplinas, tendo, por isso, também impacto no desenvolvimento das principais matérias.

Pode, por conseguinte, concluir-se que uma "perspectiva feminista" começou a afectar a forma daquilo que é conhecido e susceptível de ser aprendido nas respectivas áreas



EDITORIAL

**MARIA LAURA BETTENCOURT PIRES
UNIVERSIDADE CATÓLICA**

disciplinares e que a vontade de criar um núcleo de estudos sobre as mulheres está relacionada com o desejo de revolucionar as instituições pois a investigação nele realizada actua e opera através das disciplinas e entra-se assim na imensa tarefa da mudança de paradigma e da alteração das convenções e tradições, que constituem a base da estrutura disciplinar, através de um desafio criterioso ao esquema teórico existente.

Podem definir-se os Estudos sobre as Mulheres (muitas vezes designados em Inglês como *Feminism*) como um conjunto de movimentos e ideologias que têm como um dos seus objectivos: definir, estabelecer e conseguir igualdade no que se refere aos direitos políticos, económicos, culturais, pessoais e sociais das mulheres. Este propósito inclui procurar instituir paridade de oportunidades para as mulheres na educação e no emprego. As investigadoras da área dos Estudos sobre as Mulheres advogam e apoiam os direitos e a igualdade das mulheres, incluindo o direito de votar, de ter posições de chefia no estado, de trabalhar, de receber vencimentos justos e iguais aos dos homens, de ter propriedades, direito à educação, equidade de direitos no âmbito do casamento e licença de parto, conforme prescrito na lei e de poder assinar contratos. As feministas também têm lutado para promover a autonomia e a integridade físicas e para proteger as mulheres de violação, perseguição sexual e violência doméstica.





EDITORIAL

MARIA LAURA BETTENCOURT PIRES
UNIVERSIDADE CATÓLICA

Os Estudos sobre as Mulheres, ao fazerem as suas investigações através das diferentes áreas científicas, abalam a estrutura disciplinar existente que considera que as disciplinas são distintas tanto nas matérias como nas práticas. Foram as pesquisas feitas neste âmbito que contribuíram para que se considerassem novos temas que podem ser estudados em diferentes disciplinas. Chegou-se a esse resultado ao colocar as mulheres "no centro", como sujeitos da investigação e como agentes activos na aquisição de conhecimento, ao fazerem-se perguntas como: "qual o lugar da ideologia nas representações colectivas?" ou ao afirmar-se que apenas se pode compreender o que sucede às mulheres se se considerar o que acontece aos homens e às mulheres. Houve ainda cooperação quando se analisaram as bases teóricas do nosso mundo ocidental e ao alargar o âmbito desse estudo, lembrando-nos das condições em que vivem mulheres noutros locais.

O advento dos Estudos sobre as Mulheres propunha-se trazer uma perspectiva feminina para a Universidade, "fazer diferença" e transformar o *currículum*; dando uma forma diferente aos materiais de estudo, em resumo, alterar o nosso conhecimento sobretudo na área das Humanidades e da Sociologia. Levanta-se a questão se, de facto, o conseguiram fazer, tanto mais que é, igualmente, de referir a enorme resistência com a qual os Estudos sobre as Mulheres têm de lutar no mundo académico. Essa resistência fez com que não tivessem o impacto esperado nas áreas tradicionais do conhecimento devido ao facto de desafiarem crenças firmemente estabelecidas e de questionarem interesses e perspectivas que, sendo há muito familiares, se tornaram "confortáveis" pelo que qualquer mudança é mal recebida.

Esta atitude resulta também do facto de os Estudos sobre as Mulheres não ser apenas mais uma área do saber que se adiciona ao *currículum* mas, em vez disso, pretender ser um tipo de conhecimento que transforma as perspectivas existentes e que, por conseguinte, irá gradualmente – como acima referido - transformar as matérias ensinadas.



EDITORIAL

**MARIA LAURA BETTENCOURT PIRES
UNIVERSIDADE CATÓLICA**

Pode concluir-se, portanto, que se trata de um desafio aos paradigmas e invoca-se, a este propósito, Thomas Kuhn, que definia um paradigma como um corpo implícito de convicções teóricas e metodológicas interligadas que permitem selecção, avaliação e crítica. Primeiramente, a mudança é avaliada, depois registada como uma anomalia, sendo a pressão das anomalias que, eventualmente, força a criação um novo modelo normativo.

Como é do conhecimento geral, um dos aspectos mais significativos da retórica kuhniana dos paradigmas e das suas ideias sobre a mudança paradigmática na teoria científica era o facto de os cientistas estudados por Kuhn, segundo ele, apenas ficarem conscientes dessa mudança depois de ela ter ocorrido. Esta noção entrou no vocabulário das Humanidades e das Ciências Sociais em referência a um modelo construído, sendo então inventados novos paradigmas ou surgindo paradigmas alternativos. Consequentemente, tornou-se corrente descreverem-se os desafios das investigações dos Estudos sobre as Mulheres como uma mutação de paradigmas das disciplinas há muito estabelecidas e que lutam para manter o que consideram como certo. Thomas Kuhn refere-se também à teoria das revoluções científicas que se aplicam tanto às ciências naturais – para as quais ele a desenvolveu - como às sociais. Pode, portanto, concluir-se que - de acordo com a teoria kuhniana – bastará que se vá desenvolvendo uma comunidade de estudiosos de Estudos sobre as Mulheres (como a nossa saudosa Ana Vicente pretendia) que irão eventualmente descobrindo novos paradigmas e ir-se-á fundando uma nova ciência normativa.

No âmbito do debate feminista, há, além disso, inúmeras posições teóricas, pois como é frequente ouvir-se: "Aqui falamos em muitas vozes". A "teoria" feminista é, pois, criada dialogicamente, no sentido de que todas as posições no debate constituem a sua base.

Kuhn caracterizava a relação dos estudiosos das ciências com as suas matérias como uma questão de resolução de problemas. O mundo natural é concebido como sendo constituído por várias coisas, que, em última análise, estão relacionadas através de conjuntos de "leis" que, pela "lógica natural" não podem estar em conflito. O problema reside em como



EDITORIAL

**MARIA LAURA BETTENCOURT PIRES
UNIVERSIDADE CATÓLICA**

especificar essas leis. São os paradigmas que providenciam as regras para se registrar a natureza do problema e qual seria a sua solução.

A teoria dos Estudos sobre as Mulheres pretende chamar a atenção para uma perspectiva que inclua os interesses femininos já que estes são diferentes e até, por vezes, opostos aos dos homens. O esforço tem de ser permanente porque, ocasionalmente, há um conflito aberto entre estruturas conceptuais que estão em competição e que não se podem reduzir a uma posição única. O seu primeiro passo deve, portanto, ser "acordar as consciências", tornar as pessoas conscientes de questões sociais, políticas ou pessoais. Têm, portanto, de se desafiar os estereótipos que não representam as experiências das mulheres, já que estas podem ir contra a ideologia masculina, incluindo no âmbito da formação de teorias académicas, que se apropriam de discursos e imagens em prol dos interesses patriarcais.

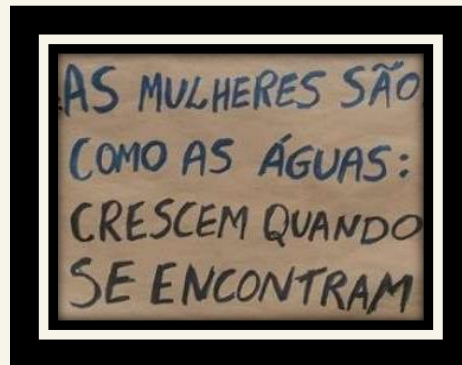
De acordo com algumas teóricas feministas mais radicais, a permanente redescoberta de que as mulheres são vistas como "o Outro" nos relatos masculinos lembra às mulheres que também devem ver os homens como "os Outros" em relação a elas próprias.

Desde há muito que as mulheres lutam para terem posições de autonomia profissional e de autoridade, por exemplo, na universidade e no mundo académico e, quando as obtêm, esforçam-se por usarem essa autoridade para mudar as práticas convencionais e serem reconhecidas nos mais altos níveis da profissão universitária. É, no entanto, de referir que, embora a divisão estrita de papéis esteja a desaparecer, os preconceitos contra as mulheres em posições de chefia ainda se mantêm.



EDITORIAL

MARIA LAURA BETTENCOURT PIRES
UNIVERSIDADE CATÓLICA



O movimento designado como Feminismo é necessário para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária e, para afirmar que acima de tudo é preciso "lutar", isto não quer, no entanto, dizer que todas as mulheres devem ser feministas até porque as pessoas devem ser livres para serem "o que quiserem, como quiserem e quando quiserem". Neste âmbito, um dos problemas que se põe é que, sendo do género feminino, a sua liberdade é limitada ou suprimida, entre outros factores, pelos valores culturais machistas que "justificam" a violação e a violência, o abuso, o medo que se sente numa rua escura e a inibição de ocupar o espaço público. A liberdade é assim sufocada simplesmente por se pertencer ao sexo feminino, considerado "frágil", por ser mãe solteira, não ser casada ou até por não se vestir elegantemente.

Conclui-se, portanto, que há uma maioria que detém o poder e o domínio, havendo mesmo quem considere que os homens têm uma grande dívida social e económica perante o resto da humanidade, tendo em consideração as injustiças milenares cometidas sob a sua autoridade. Entre elas destacam-se a imposição do 'grande silêncio' histórico e cultural sobre as mulheres; os papéis estereotipados, que as mantêm à distância da ciência, da tecnologia e dos outros estudos 'masculinos', e as chamadas ligações sócio profissionais masculinas que excluem as mulheres.

Na nossa época, sabemos que a melhor forma de combater a referida alienação é a



EDITORIAL

MARIA LAURA BETTENCOURT PIRES
UNIVERSIDADE CATÓLICA

informação. Contudo, este é um processo lento de desconstrução de "valores", pois, há uma opressão específica de todas as mulheres. Essa opressão manifesta-se tanto a nível das estruturas como das superestruturas (ideologia, cultura e política). Assume formas diversas conforme as classes e camadas sociais, nas diferentes culturas e grupos étnicos.

O "Feminismo" representa um meio utilizado para se quebrar determinados paradigmas sociais que se comprova serem opressivos, mas a sua finalidade não é a sobreposição hierárquica de um género ao outro, mas sim a igualdade entre ambos. Por isso, apresenta-se afirmando, tal como nos dizia Ana Vicente, que se pretende viver numa sociedade mais justa e igualitária para todas as pessoas, sem distinção, mas, para alcançar esse objectivo, é imperativo que as mulheres conquistem muitos dos direitos que lhes foram negados, no decorrer da história, para, a partir daí, virem a alcançar uma verdadeira equidade. É evidente também que há outros problemas porque as mulheres também são desiguais entre si, uma vez que algumas possuem mais privilégios do que as outras. Trata-se, por conseguinte, de um processo contínuo de aprendizagem até se chegar a uma "filosofia universal" que nos leve a concluir que não se muda o mundo respeitando a opinião de quem nos oprime e que devemos tentar perceber as outras pessoas e de nos solidarizarmos com qualquer drama que vá além das paredes do nosso mundo pessoal ou das fronteiras do nosso país.

A este propósito, invoco a recente obra de Alex Castro, intitulada *Outrofobia* (2015), na qual o autor, que é um escritor e conhecido criador de *blogs* brasileiro, nesta colectânea de textos e crónicas, escritos num estilo simples e didáctico, a fim de tornar a leitura acessível a todos os públicos, recorreu ao neologismo "outrofobia", com o objectivo de nos ajudar a deixarmos de olhar apenas para nós próprios e de nos ensinar a sentirmos um pouco de empatia para com os problemas dos "outros". Para Alex Castro, o "outrofóbico" é alguém que sente rejeição, medo ou aversão pelo outro. Refere-se-lhe como um termo genérico utilizado para abarcar diversos tipos de preconceito em relação ao outro, como machismo, racismo, homofobia, elitismo, transfobia, classismo, "gordofobia", capacitismo, intolerância religiosa,



EDITORIAL

**MARIA LAURA BETTENCOURT PIRES
UNIVERSIDADE CATÓLICA**

etc. Relativamente à causa das mulheres, Castro, muito sabiamente, afirma: "Falar o feminismo é a parte fácil. Agir o feminismo, todos os dias, é que é difícil.". Considera também que: " A outra pessoa deve ser tratada não como você gostaria de ser tratada, mas como ela merece e precisa ser tratada."

Alex Castro, ao longo desta curta obra, consegue prender a atenção dos leitores usando uma linguagem coercivamente directa para nos faz pensar sobre as mais profundas questões humanas, mesmo até aquelas das quais provavelmente preferíamos manter distância. Afirma que temos medo de "Os Outros" e, por isso, desenvolvemos mecanismos de defesa para nos protegermos da ameaça que eles possam representar e fechamo-nos dentro de nós mesmos para não precisarmos de entrar em contacto com "eles". No seu estilo espontâneo e claro, o autor pretende incitar os leitores a reflectirem e ajudá-los a contestarem a lógica discriminatória e a desconstruírem as muralhas invisíveis que os separam dos "Outros". Relativamente ainda ao feminismo, considera que é uma luta de homens e mulheres, por direitos humanos para homens e mulheres, que, por razões políticas, deve ser liderada pelas mulheres. Afirma mesmo que os homens, que já foram líderes de quase tudo na história humana, precisam agora de aprender "a dar um passinho atrás" e a considerarem que as mulheres são seres humanos 100% capazes. Conclui aconselhando os leitores a iniciarem a desconstrução dos seus preconceitos e a aumentarem o seu grau de empatia em relação a quem os rodeia.

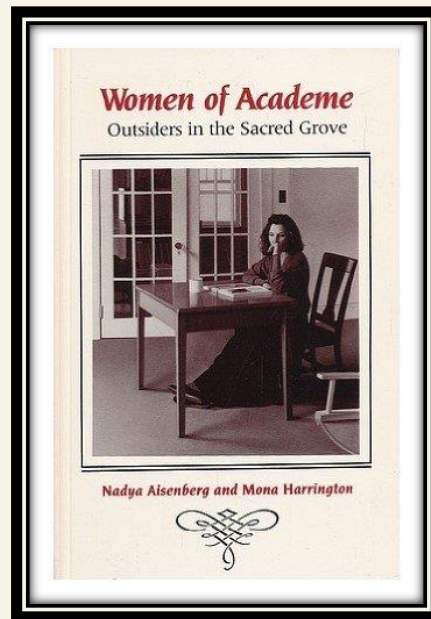
Ao terminar a leitura da obra de Alex Castro, somos levados a concluir que temos a responsabilidade de ajudar a resolver os problemas da nossa sociedade "outrofóbica, machista, racista, elitista, homofóbica, transfóbica e intolerante", tornando-nos assim parte da necessária solução. Uma das nossas contribuições para resolver as dificuldades poderá ser querermos menos coisas e valorizarmos mais as pessoas. Procurarmos a justiça social, a



EDITORIAL

MARIA LAURA BETTENCOURT PIRES
UNIVERSIDADE CATÓLICA

equidade de direitos, o reconhecimento da mesma individualidade a todos os seres humanos¹.



Outra obra, cuja leitura é recomendada relativamente às questões a que nos temos vindo a referir é *Women of Academe - Outsiders in the Sacred Grove*² que, de certo modo, comprova que as investigações e a erudição da área dos Estudos sobre as Mulheres têm vindo a "incendiar os bosques (*groves*) da academia". Com efeito, após uma longa luta, podemos dizer que as mulheres, actualmente, estão conscientes de que têm direito a um trabalho remunerado e satisfatório nas diversas profissões e que vêem essa actividade como uma parte normal das suas vidas. Consideram, igualmente, que é sua prerrogativa ter autoridade, prestígio e poder e receber salários dignos compatíveis com a profissão que exercem. Em resumo, reivindicam igualdade profissional e a abrangência do significado desta mudança é

¹ Para se ter informação sobre os níveis de pobreza das mulheres em comparação com os dos homens, ler Clair Apodaca, "Measuring Women's Economic and Social Rights Achievement," *Human Rights Quarterly* 20 (1998): 139-72, pp. 154-56.

² Nadya Aisenberg, Nona Harrington, *Women of Academe-Outsiders in the Sacred Grove*, Amherst: University of Massachusetts Print, 1988.



EDITORIAL

MARIA LAURA BETTENCOURT PIRES
UNIVERSIDADE CATÓLICA

incomensurável pois a alteração do estatuto das mulheres nas profissões implica uma aquisição de poder e, conseqüentemente, uma mutação substancial de poder em toda a sociedade.

É de referir, contudo, que, apesar disso, apenas uma reduzida percentagem das posições mais altas nas diferentes profissões são preenchidas por mulheres. Ou seja, as mulheres entram nas profissões mas não obtêm total autoridade profissional.

Merece igualmente referência Martha Nussbaum, a conhecida filósofa e autora da obra *The Quality of Life* (1993), devido ao seu meritório trabalho, desde 1986, como *Research Adviser* (Conselheira de Investigação), no World Institute for Development Economics Research da United Nations University, onde veio a desenvolver uma teoria designada como das "Capacidades Humanas"³ para servir de base a um movimento que ficou conhecido como Internacionalismo Feminista⁴. Nussbaum, ao verificar o estatuto secundário das mulheres nos países em desenvolvimento e que a sua qualidade de vida era consistentemente inferior quando avaliada em função do acesso à saúde, à educação, à liberdade, à participação política, ao emprego, ao auto-respeito e até à própria vida, na sua famosa obra *Sex and Social Justice* (1999) defende que "a situação das mulheres no mundo contemporâneo exige uma tomada de posição moral urgente."⁵

A atitude de Martha Nussbaum é uma reacção à injustiça da situação das mulheres e apresenta uma perspectiva da Teoria das Capacidades para a avaliação da qualidade de vida e do desenvolvimento das políticas públicas, que foi apresentada por Amartya Sen

³ A teoria de Nussbaum baseia-se na abordagem designada como "Capability Approach", que foi elaborada pelo economista Amartya Sen nos anos 80, e que se define por focar o significado moral da capacidade dos indivíduos para conseguirem viver o tipo de existências que consideram terem valor. Distingue-se de outras abordagens de avaliação ética que focam apenas o bem estar subjectivo ou o acesso a meios.

⁴ Vide "Feminismo" in Pires, *Intelectuais Públicas Portuguesas – As Musas Inquietantes*, p. 72-119.

⁵ Martha Nussbaum, *Sex and Social Justice* (Oxford: Oxford University Press, 1999), p. 31.



EDITORIAL

**MARIA LAURA BETTENCOURT PIRES
UNIVERSIDADE CATÓLICA**

relativamente ao desenvolvimento da economia e tem servido de base aos Relatórios Anuais do Desenvolvimento Humano dos anos de 1990 para o United Nations Development Programme.

De uma forma sintética, pode afirmar-se que a abordagem de Nussbaum da "Capabilities Approach" para o internacionalismo feminista foca as capacidades das mulheres para fazerem certas "coisas e serem consideradas como tendo valor". A famosa filósofa americana preocupa-se sobretudo com a capacidade de actuar mais do que com a própria actuação, porque enfatiza o papel da razão prática e da escolha na exploração da capacidade. As capacidades humanas centrais identificadas por Nussbaum, e que estão todas interrelacionadas, são, entre outras, a longevidade e a integridade física, o desenvolvimento emocional, afectivo, social e mental, a capacidade de raciocinar de forma prática e de ter uma concepção do bem, a habilidade para viver com preocupação pelos animais e pelo mundo natural.

Desta perspectiva, o desenvolvimento e a preservação das capacidades devem ser o principal objectivo das políticas públicas. No contexto da experiência das desigualdades das mulheres por todo o mundo, as capacidades tornam-se reivindicações que elas podem fazer e que dão origem a deveres políticos que lhes estão associados.

Relativamente às normas da lei internacional, como a não discriminação por motivos de raça, a proibição da escravatura e da tortura, que foram amplamente aceites como fundamentais pela comunidade internacional, verifica-se que a norma da não discriminação com base no sexo tem, na prática, um estatuto bastante mais reduzido na lei internacional, visto que reivindicações de cultura e religião se sobrepõem aos direitos das mulheres.

Verifica-se, a este propósito, que, na comunidade internacional, em relação à United Nations' Convention on the Elimination of All Forms of Discrimination against Women of 1979 (a chamada Convenção das Mulheres) – que corresponde à mais pormenorizada expressão



EDITORIAL

MARIA LAURA BETTENCOURT PIRES
UNIVERSIDADE CATÓLICA

internacional do princípio da igualdade sexual - embora fosse amplamente ratificada por 162 estados em Janeiro de 2000, continua sujeita a um número extraordinário de "reservas" formais feitas pelos países quando da ratificação que não seriam toleradas em outras áreas e que se sobrepõem aos direitos das mulheres. Um exemplo típico dessas reservas é posto pelo Egípto em relação ao artigo 16 da Convenção das Mulheres, que requer que os estados respeitem a igualdade entre homens e mulheres em todas as questões relativas ao casamento e às relações familiares, e que, para os Egípcios, têm de estar sujeitos à lei islâmica da Shari'a.

Levanta-se, portanto, a questão dos chamados contravalores e da mudança que as mulheres pretendem e o facto de quererem entrar na vida profissional em condições dissemelhantes das actuais o que implicaria um sistema radicalmente diferente da presente organização social, que já foi mesmo visto como um contra-sistema de ordem social por não respeitar a força exclusionária das normas antigas, nem as hierarquias rígidas e a competição pela captura de posições de autoridade. Implicaria, por conseguinte, o fim de uma sociedade dominada por homens que detêm o poder final e definem as regras e onde as mulheres, e outros grupos, são socialmente excluídos do exercício da autoridade e exigiria uma reestruturação dos locais de trabalho e uma rejeição das velhas normas de definição dos papéis do homem e da mulher no casamento.

No âmbito da nossa perspectiva, uma das áreas susceptíveis da análise é a das Ciências Exactas e verifica-se que, até ao nosso tempo, parecia haver uma lacuna na história das ciências naturais relativamente à participação das mulheres apesar de, desde os primeiros tempos, elas se terem distinguido nas várias matérias⁶, tal como já dizia Christian Friedrich Harless (1753-1873), em 1830, na sua obra *Die Verdienste der Frauen um Naturwissenschaft, Gesundheits- und Heilkunde, so wie auch um Länder- Völker- und Menschenkunde, von der*

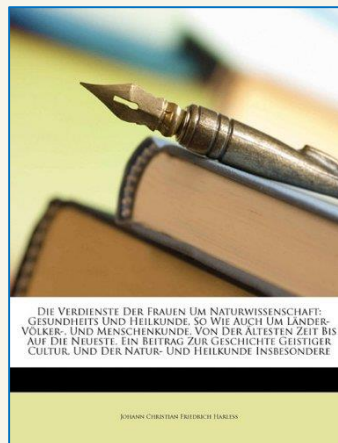
⁶ Vidé Londa Schiebinger, "The History and Philosophy of Women in Science: A Review Essay", in *Signs*, Vol. 12, No. 2, *Reconstructing the Academy* (Winter, 1987), University of Chicago Press, pp. 305-332
Stable URL: <http://www.jstor.org/stable/3173988>



EDITORIAL

**MARIA LAURA BETTENCOURT PIRES
UNIVERSIDADE CATÓLICA**

*ältesten Zeit bis auf die neueste*⁷ (Göttingen: Vanden Hoeck-Ruprecht) em que fala de mulheres cientistas e médicas.



É frequente ouvirem-se referências aos avanços que as mulheres estão a fazer na área das ciências pois cada vez parece haver mais faces femininas, por exemplo, nos laboratórios, contudo, o papel de uma cientista numa organização androcêntrica, que exige que as mulheres se adaptem a um sistema que implica uma dedicação total, torna-lhes impossível empenharem-se simultaneamente na ciência e na família.

⁷ "Until now there has been a longstanding gap in the history of the natural sciences. . . . There has been no historical and evaluative survey of all the women, who from the earliest times until our own have distinguished themselves in the various sciences." (Trad. inglesa)



EDITORIAL

**MARIA LAURA BETTENCOURT PIRES
UNIVERSIDADE CATÓLICA**



Se havia participação desde há séculos, porque são tão reduzidas as referências? Destas análises e interrogações veio a desenvolver-se o que se pode considerar um novo campo de estudo: "A História e a Filosofia das Mulheres na Ciência". Os investigadores que trabalham neste campo escrevem de diferentes perspectivas e representam diversas estratégias, interesses e orientações políticas. Esta área, que é recente, beneficiou da acção dos movimentos contemporâneos feministas e de uma crescente preocupação com a posição das mulheres nas diferentes profissões. Os seus estudiosos procuram fazer sair da obscuridade os nomes das mulheres que - apesar das suas contribuições - foram negligenciadas pelos historiadores da Ciência. Agora que as mulheres começaram a deixar de estar fora da área da ciência, levanta-se a questão se a sua reconhecida presença irá fazer diferença ou se continuará "tudo na mesma". Esta abordagem considera o papel das mulheres no mundo científico moderno e nos métodos e ideais da Ciência. Uma segunda perspectiva foca o papel da linguagem e da imagem na ciência, especialmente da imagem da natureza como feminina. Um terceiro ângulo analisa o papel das mulheres na ciência em comparação com a actuação da mulher na sociedade em geral.

As mulheres lutam para obterem autoridade e poder nas profissões académicas e depois para usarem a autoridade obtida a fim de mudarem as práticas convencionais nas respectivas áreas. À medida que as mulheres conquistam terreno nas universidades vão, simultaneamente, sendo impedidas de progredir e mantidas a um certo nível nas carreiras pela força de normas antigas que antes impossibilitavam por completo a sua participação na vida profissional. Estas regras estabelecem uma nítida divisão entre a vida pública e a privada,



EDITORIAL

**MARIA LAURA BETTENCOURT PIRES
UNIVERSIDADE CATÓLICA**

atribuindo aos homens os deveres públicos e às mulheres os privados, aos homens as actuações intelectuais enquanto às mulheres são outorgadas as acções emocionais e as relativas a relações pessoais, havendo mesmo professoras universitárias que se queixam de que o progresso das suas carreiras foi prejudicado por não terem querido seguir as "regras do jogo".

Embora a divisão estrita implícita nessas regras já não esteja a manter-se, há ainda, contudo, alguns preconceitos relativamente à "menor" capacidade intelectual feminina que continuam ainda a actuar, subtil mas eficazmente, contribuindo para um sistema de responsabilidade a dois níveis, segundo o qual, as acções mais importantes que envolvem uma verdadeira autoridade são realizadas quase exclusivamente por homens e as menos importantes quase sempre por mulheres.

As investigadoras têm feito esforços no sentido de trabalharem numa rigorosa colaboração que foca as características tanto disciplinares como interdisciplinares que marcam as suas pesquisas e constata-se, assim, a emergência de perspectivas feministas nas áreas de história, literatura, educação, antropologia e filosofia assim como uma abordagem que vai para além das disciplinas específicas em que trabalham. Por outro lado, pode considerar-se que – em resultado do seu esforço colaborativo - começam a surgir atitudes diferentes em relação ao que se refere à política e à cidadania e à noção de género e daí resulta igualmente uma leitura diferente de questões como sexualidade e religião e classe e política.

Ao analisar a actuação das mulheres na universidade, começa a tornar-se evidente que - de uma forma geral – as mulheres parecem ter em consideração valores que vão contra o sistema académico, tais como cooperação em vez de competição, inclusividade em vez de exclusividade, um conhecimento relativo *versus* um saber absoluto e demonstram também terem o impulso de integrar a vida de trabalho e a vida pessoal, como um modo totalmente natural de vida. Ao reflectir sobre estas questões, verifica-se que qualquer obtenção de igualdade entre mulheres e homens na universidade se torna necessariamente um processo



EDITORIAL

MARIA LAURA BETTENCOURT PIRES
UNIVERSIDADE CATÓLICA

revolucionário porque implica uma mudança nas poderosas normas sociais tradicionais.

No entanto, e apesar de tudo, pode concluir-se que qualquer resposta às questões relacionadas com o progresso das mulheres é sempre complexa. Na verdade, enquanto nos nossos dias um grande número de mulheres obtêm graus académicos e trabalham como professoras nas mais prestigiadas universidades em todo o mundo, alguns analistas mais pessimistas afirmam que, quando as mulheres entram num determinado campo, essa área se torna "feminizada" e os honorários e o prestígio que antes lhe estavam inerentes são negativamente afectados. Os que assim pensam, chamam a atenção para o facto de que, no sistema universitário, aqueles que ensinam as Humanidades – uma área considerada feminizada devido ao número de mulheres que nela trabalha – são muitas vezes contratados em regime temporário de *part-time* e recebem menos e têm mais dificuldade em publicar os resultados das suas investigações. De outro ponto de vista, os mesmos analistas verificaram que, nessas áreas, a grande maioria dos lugares de topo de carreira tanto de professores catedráticos como as principais posições administrativas, como Reitor e Vice-Reitor, são ocupadas por homens.



Feitas estas considerações inspiradas pela celebração do vigésimo aniversário da criação em Portugal do 1º Mestrado de Estudos sobre as Mulheres e pelo falecimento de Ana Vicente, como acima referido, iremos seguidamente – como é tradicional nos Editoriais - fazer algumas referências aos artigos e resenhas e poemas incluídos neste 9º número da *Gaudium Sciendi*, que tem vindo a ser publicada desde há quatro anos.

O primeiro artigo intitulado "Montalto, Rubens e Maria de Médicis – A Arte de Conciliar" da autoria Manuel Valente Alves, faz-nos reflectir e levanta a questão sobre o que teriam em comum o médico e cientista judeu de origem portuguesa Filipe Montalto (1567-



EDITORIAL

**MARIA LAURA BETTENCOURT PIRES
UNIVERSIDADE CATÓLICA**

1616), o pintor e embaixador católico de origem alemã Peter Paul Rubens (1577-1640) e a rainha-mãe de França Maria de Médicis (1573-1642), três grandes personalidades que a Europa do século XVI viu nascer. Devido ao inegável interesse que a problemática tratada desperta, à qualidade científica do texto e à beleza das imagens escolhidas pelo autor, creio que se pode considerar como um presente natalício para os leitores e para a *Gaudium Sciendi*.

Ana Maria Monteiro Ferreira, da Universidade de Eastern Michigan (EUA), com o seu artigo intitulado "The Fallacy of Colorism" - no seu habitual estilo que alia o rigor científico às interpelações ao leitor - debate a forma como um estudo correcto e preciso das revisões históricas, políticas e epistemológicas de termos como racismo, ou o mais recente e inovador "colorism", podem revelar-nos sobre a natureza das relações de poder que ocultam.

"A Theoretical Analysis of the Latest Research on Language Acquisition and the Implications for Language Learning" é o título do quarto artigo da autoria de António Simões, Dean de Fairfield University (USA). O autor, demonstrando ser especialista neste complexo tópico, explora diferentes ideias para analisar a aquisição e aprendizagem da segunda língua. Chama a nossa atenção para o facto, por vezes esquecido, de que aquisição da língua não é um processo simples, especialmente no contexto da transferência de língua nativa para a segunda língua.

De uma forma geral, o ser humano não reconhece a importância que o modo de ver a natureza tem para a sua vivência do quotidiano e para o seu posicionamento filosófico-religioso no universo. Ana Paula Machado considera, no entanto, que esse é um aspecto fundamental, que analisa no seu artigo intitulado "Natureza e Tempo" no qual se debruça, conforme nos diz, sobre a íntima relação do tema com a questão do tempo.

No artigo intitulado "In Memoriam – Ana Vicente", Maria Laura Bettencourt Pires evoca os percursos de vida e a obra de Ana Vicente, falecida em Abril de 2015. Refere também as causas pelas quais, aquela que foi designada pelo Presidente da República "como uma



EDITORIAL

MARIA LAURA BETTENCOURT PIRES
UNIVERSIDADE CATÓLICA

mulher de armas", com tanto empenhamento lutou e afirma que, pela sua prática de vida pessoal e religiosa, ela era uma convocatória para quem a ouvia e "uma profecia em acção".

No âmbito das resenhas críticas, neste número fomos bafejados com uma ampla escolha. Sílvia Cabral Alarcão analisa e comenta a tradução para Português da obra de Robert Carter *The Language of Stones* (2005) afirmando que o romance, que decorre no mítico século XV em Inglaterra, nos cativa e prende a atenção devido ao poder das descrições, que nos catapultam para ambientes e cenários habitados por personagens creíveis e bem retratadas.

A obra de Elleke Boehmer, *A Vida de Nelson Mandela*, publicada em 2014, é a tradução do original inglês *Nelson Mandela. A Very Short Introduction* da Oxford University Press (2008) que Teresa Pinto Coelho, na sua resenha, analisa, reflectindo sobre esta famosa biografia de Nelson Mandela e recordando a influência da educação victoriana nas marcas da sua personalidade, tais como a responsabilidade social e o *fair play*.

Por sua vez, Eva Maria von Kemnitz, na sua crítica, refere-se à recente publicação do romance histórico. *Khadija. A Mulher de Maomé* (2015), que constitui o primeiro volume da trilogia *Mulheres do Islão*. Esta obra, cuja figura central é Khadija bint Khuwaylid (555? – 620) uma mulher independente, consciente do seu poder e dos seus atributos de inteligência e de beleza, baseia-se em factos históricos e remete para um período do advento do Islão no início do século VII.

Dos Estados Unidos, Rasheed J. Atwater chama a nossa atenção para o estudo de Lisa A. Lindsay intitulado *Captives as Commodities: The Transatlantic Slave Trade* (2008). O principal objectivo da sua resenha é criticar a forma como a autora, do ponto de vista de Atwater, erradamente e de uma perspectiva eurocêntrica, apresenta os acontecimentos relacionados com o envolvimento dos Africanos no comércio da escravatura.

Quanto à Secção dedicada à Poesia (pp.), recordo as palavras de Goethe: "Devemos ouvir pelo menos uma pequena canção todos os dias, ler um bom poema, ver uma pintura de



EDITORIAL

MARIA LAURA BETTENCOURT PIRES
UNIVERSIDADE CATÓLICA

qualidade e, se possível, dizer algumas palavras sensatas."⁸ para incitar os nossos leitores a lerem os poemas de Ana Máxima e Edward Loony para que não deixem as preocupações deste mundo complexo em que vivemos obliterarem o sentido de beleza implantado na nossa alma.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AISENBERG, Nadya/ HAMINGTON, Nona (Eds.), *Women of Academe-Outsiders in the Sacred Grove*, Amherst: University of Massachusetts Print, 1988.

CASTRO, Alex, *Outrofobia*, Bela Vista: Publisher Brasil, 2015.

KUHN, Thomas, *The Structure of Scientific Revolutions*, Chicago: University of Chicago Press, 1962.

NUSSBAUM, Martha/ SEN, Amartya (Eds.), *The Quality of Life*, Oxford: Clarendon Press, 1993.
-----, *Sex and Social Justice*, Oxford: Oxford University Press, 1999.

PIRES, Maria Laura Bettencourt, *Intelectuais Públicas Portuguesas – As Musas Inquietantes*, Lisboa: Universidade Católica Editora, 2010.

VICENTE, Ana, "Direitos das Mulheres: Tendências Nacionais e Internacionais", *Janus*, 2005.
http://janusonline.pt/sociedade_cultura/sociedade.html

⁸ "Man soll alle Tage wenigstens ein kleines Lied hören,/ein gutes Gedicht lesen,/ ein treffliches Gemälde sehen und, wenn es möglich zu machen wäre, einige vernünftige Worte sprechen." *Poetische und prosaische Werke*, Vol. 2, p. 208, *Johann Wolfgang von Goethe - Cotta, 1837*



EDITORIAL

**MARIA LAURA BETTENCOURT PIRES
UNIVERSIDADE CATÓLICA**
